

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garrett
Méropo



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Almeida Garrett

Méropé

(Teatro)

Publicado originalmente em 1829.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
(1799 – 1854)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 451



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: “*Mérove*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vênus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro Antônio José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerónimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

MÉROPE

TRAGÉDIA

Tinha dezoito anos quando fiz esta tragédia; foi nos meus últimos tempos de Coimbra, tempos de memória saudosa porque eram todos de inocência e de esperança. Não sei se é por isso que ainda tenho amor a tão imperfeito ensaio, e me não atrevo a queimá-lo, como fiz a tantos versos e a tantas prosas da minha criancice. Mas parece-me que não, e que só o conservo pela sincera vontade de mostrar como comecei a engatinhar na carreira dramática com as andadeiras clássicas e aristotélicas que a ninguém se tiravam ainda então em Portugal.

Romantismo, cá o houve sempre; essa moléstia, se tal é, esse andaço de bexigas, como já lhe ouvi chamar, nunca saiu da nossa Península, Mas a vacina, como a prepararam Goethe e Scott, essa é que não havia; e creio que fui eu que a introduzi, Deus me perdoe se fiz mal. Já começo a desconfiar que sim Vejo tanta bexiga negra e maligna, vejo morrer delas tanto rapaz de esperanças!

Ora! – ninguém morre senão quem tem de morrer. – Morriam a fazer odes pindéricas e sonetos de anos, que é a moléstia mais nojenta, e a morte mais sensabor que há. Ao menos este delírio da febre romântica faz dizer, com muito desvario, muita coisa de espírito sublimidades às vezes.

Sempre foi bom vaciná-los; nunca hão de morrer todos. E a moléstia já nos andava no sangue. Eu sentia-a em mim; e agora que passei pelos olhos esta Mérope, acho-lhe bem visíveis os sintomas.

De propósito a corrijo pouco, já que a dou ao público, não como obra literária, senão como documento de história literária.

Leiam-na com indulgência.

Digo que tinha dezoito anos quando escrevi a Mérope, Mas tinha doze quando comecei a pensar nela. Estava eu na ilha Terceira, e cheio de presunções de helenista porque um santo velho que ali havia, o Sr. Joaquim Alves – excelente homem que usava do mais esquisito barrete e da melhor marmelada que ainda se fez – me tinha feito entender quatro versos de Homero. Tive a confiança de querer ler Eurípedes no original; e com o auxílio do Padre Brumoy, cheguei a

conhecer sofrivelmente algumas das suas tragédias. Não cabia em de contentamento e de entusiasmo. Eurípides era o maior trágico do mundo: – já se vê porquê.

– E mais falta o seu melhor drama que se perdeu – me dizia o bom do velho – a Mérope isso é que era tragédia!

Que pena perder-se a Mérope! cismava eu noite e dia.

Havia ali também naquela minha saudosa ilha Terceira outro velho que me ajudou a criar, e a quem devo quase tudo o que sei: era meu tio D. Alexandre que não gostava de Eurípides – bárbaro! –, nem acreditava na minha ciência helênica – incrível! –, e que, demais a mais, um dia me fez perder as minhas tão caras e doces ilusões, dizendo-me que no teatro inglês e no castelhano havia melhores coisas que nos clássicos de Atenas.

– “Mas não há uma Mérope como aquela de Eurípides que se perdeu”. – “Não; mas há em italiano a de Maffei, que tem toda a simplicidade, elegância e regularidade antiga, sem aquelas declamações tão secantes do teu Eurípides”. – “Em italiano! Tomara eu lê-la!”. – “Pois também já tu sabes italiano?” – “Sei, sim, senhor, li um volume inteiro de Goldoni e alguns três de Metastásio”.

Era verdade: não me lembra como achei, mas recordo-mo que devorei logo uns tomos truncados daqueles teatros, e fiquei-me tendo por tão bom toscano como um acadêmico da Crusca.

Andava já dos oitenta por diante o honrado velho de meu tio; outras vaidades do mundo não lhas conheci, era religioso verdadeiro e digno sucessor dos apóstolos; mas em se falando em literatura, valha-me Deus!

– “Pois em italiano não o tenho, me disse ele, nem to dava ~U tivesse, que o não entendias. Mas em português aqui tens; está traduzido fielmente”.

E tirou de uma estantezinha baixa que tinha ao pé de si, um pequeno volume manuscrito que eu me fui logo ler com toda a ânsia.

A tradução era dele; não gostei, mas não lho disse. Nem gostei muito da tragédia: despida daquele interesse que a dificuldade de as entender e o prestígio da antiguidade me fazia achar nas peças gregas, a admirável e primorosa composição de Maffei não era para a e entender um fedelho como

eu; não me fez impressão alguma; jurei que era um assunto estragado. Mas o assunto achei-o belo, e tive o atrevimento de imaginar que havia de aproveitá-lo eu.

Outras empresas e projetos de não menos ridícula ousadia livraram por então a pobre Mérope das minhas mãos. – Vim para a Universidade: os primeiros dois anos não fiz versos nem li poetas; tive a coragem de pôr o meu espírito em dieta de direito romano, coisa utilíssima; depois tomei uma indigestão de Filangiéri e de todos os publicistas que então eram moda em Coimbra, coisa não só inútil, mas perniciosíssima!

– E o que mais é, a ninguém disse, ninguém soube que eu tinha a desgraçada manha de poeta.

Deus perdoe aos meus respeitáveis mestres, o Sr. José Vaz que no primeiro ano, e o Sr. Trigoço que no segundo, me não deram o prêmio que eu decerto mereci. – Tinham feito um venerável palheiro jurista de mais, e um João-ninguém de um poeta de menos.

Também teve sua culpa o Sr. Honorato quando, em meu despeito com as faculdades jurídicas, me fui fazer matemático, A álgebra é bom contraveneno para os empeçonhados de poesia; mas há de ser dado com jeito e tento. Quis-me fazer engolir doses muito grandes, não me pôde o estômago com elas. Zanguei-me, fiz-me um soneto, mostrei-o, acharam-lhe graça, – fiquei perdido.

Jacta est alea; fui declarado poeta “em plenos Gerais”, e destampeei a fazer versos como um desalmado de dezesseis anos que eu era.

Mas pensam lá que o fedelho ia ao modesto soneto, ou se ficava na ode pindárica?

Agora: calçou o coturno sem mais cerimônia e pôs-se a fazer tragédias que era uma lástima.

Os Persas de Ésquilo já eu tinha, havia mais de quatro anos, embrulhado e desconjuntado em urna coisa de cinco atos que alcunhara de tragédia com o nome de Xerxes. Fui-me a ela, inchei-lhe mais os versos, assoprei-lhos à bocagiana, e fiz um portento que alguns rapazes meus amigos representaram logo entre os aplausos de toda a Academia.

Perdeu-se essa obra-prima em uma das muitas mãos por onde andou, a copiar.

(Todos queriam uma cópia daquele prodígio!) E é pena, que muito me havia de divertir agora!

Fiz uma Lucrecia – e representou-se! oh que Lucrecia! – Fiz um meio Afonso de Albuquerque, um quarto de Sofonisba, uma Átila quase toda, e não sei quantas coisas mais; mas foram muitas, as que eu comecei pelo menos.

Nisto li o Alfieri e o Ducis.

O clássico e severo italiano tinha sido mordido do romantismo da Inglaterra, que, sem ele o confessar nem o admitir, lhe transuda nas próprias austeras feições da sua Melpômene toda romana.

O bom velho Ducis aspirava a ser romântico; poeta republicano queria abjurar o servilismo de Racine e filosofar mais que Voltaire; levantou-se com Shakespeare para revolucionar o teatro da França, e “tomar a Bastilha” de Aristóteles, Mas o trono de Luís XIV era mais forte em literatura que em política; *Ducis*, o mais que pôde fazer foi “rodeá-lo de instituições republicanas”. – A Convenção para as letras só veio há poucos dias com os poetas *jeune-france*.

Mas aqueles dois trágicos transtornaram as minhas ideias dramáticas, Perdi toda a fé nas crenças velhas, e não entendia as novas nem acertava com elas.

Neste estado compus a Mérope. Reminiscências de Maffei e dos clássicos antigos, aspirações a um outro modo de ver e de falar que eu pressentia mas não distinguia ainda bem, saudades da escola de que fugia, esperanças naquela para que me chamavam, dúvidas e receios, verdadeiras incertezas de uma transição, tudo isso trabalhou na Mérope. As formas são clássicas: eu não concebia outras; – ainda hoje me parece que são as melhores: – o resto não sei o que é, é uma coisa de criança em todo o sentido, e como tal deve ser avaliada

Já disse que a corriji pouco agora: esse pouco foi no estilo e na linguagem, no pensamento nada.

Não chegou a representar-se nunca: estavam ensaiados os primeiros três atos quando veio a revolução de vinte poeta e atores e espectadores e o nosso teatrinho, tudo absorveu a excomungada política.

Daí a pouco intentei e comecei o Catão.

Dedico esta obra de criança a minha mãe. A pobre entrevadinha no seu leito de dores está agora rezando por mim decerto. Muita lágrima e muita oração lhe tem custado este filho tão estremecido e tão mal aproveitado! Chegará ela a saber que santifiquei com o seu nome estas ociosidades? Minha mãe ainda foi daquelas senhoras portuguesas velhas que já não há. Lia, sabia, prezava as coisas de arte; mas não falava em livros senão conosco; não brilhou nunca no mundo: *domum mansit, lanam fecit*.

Governava a sua casa, cosia os filhos, ensinava-os de palavra e de exemplo: austera consigo, indulgente com os outros, a sua virtude não dava nos olhos, mas entrava pelo coração. Não sei por que desgraça, hoje neste pegão de vícios em que andamos sumidos, alguma rara luz de virtude que aparece, assopram-na tanto que fere os olhos à gente e ainda nos cega mais. – Digo-o principalmente do belo sexo que é tanto mais belo com a virtude, – mas não há de fazer trejeitos...

Lisboa, 12 de Agosto de 1841.

A MINHA MÃE,
D. ANA AUGUSTA DE ALMEIDA LEITÃO,
DEDICO ESTA TRAGÉDIA, QUE FOI O MEU
PRIMEIRO PENSAMENTO DRAMÁTICO.

PESSOAS

Mérope

Egito

Polifonte

Polidoro

O Sumo Sacerdote

Povo

Sacerdotes, Sacrificadores, Soldados, Séquito do rei

Lugar da Cena – Messênia.

ATO PRIMEIRO

No fundo, um peristilo de templo cujas portas devem ser espaçosas de modo que, abertas, se veja claramente o interior do templo; à direita, um mausoléu; à esquerda, o palácio real. – É a mesma vista em todos os atos.

CENA I

O SACERDOTE

(Abrem-se as portas do templo: por elas sai e desce gravemente as escadas do peristilo até meio da cena, antes de falar).

Enfim aprouve ao Céu colmar de todo
Nossas desditas já. – Prostrou-se o trono,
Sucumbiram as leis, o altar vacila,
E o crime triunfou... – Os deuses justos
O quiseram assim! Oh, não me atrevo
A perscrutar seus eternos decretos...
É culpado o mortal se o Céu castiga:
Sim, mas não veda ao triste o lastimar-se:
As lágrimas do aflito não são crime,
Nem sacrilégio do infeliz os rogos.

Tu os ouves, suprema divindade,
E permites que ao trono onnipotente
As coxas preces do infeliz que chora
Cheguem a apiedar tua justiça
Ah! do teu sacerdote ouve hoje o rogo,
Deus da Terra e dos Céus, deus meu, atende,
Por mim de um povo inteiro ouve o gemido.
De Messênia infeliz escuta o brado,
Sobre ela estende a destra poderosa.
Volve os olhos de pai a seus flagelos.
De sobejo correu o sangue a jorros,
A milhares as vítimas caíram
De tuas iras. – Mísero Cresfontes
Ele era nosso rei; mais que monarca,
Foi também nosso pai terno e piedoso.
Nada o salvou das sanguinosas garras
De ingrata rebelião. Viu moribundo,
Por entre as sombras da vizinha morte,
Punhais traidores a rasgar-lhe os selos
Dos filhinhos sem culpa... Viu – e a morte
Esperou com o golpe derradeiro
Que a vista horrível lhe ferisse os olhos! –
Viu à frente dos súbditos rebeldes
Polifonte, o traidor, o ingrato, o monstro
A quem fizera grande entre o seu povo,
A quem de honras e dádivas colmara,
Lançar aos nobres pulsos da consorte
Afrontosos grilhões em vez do cetro.
Oh rainha infeliz, mísera esposa.
Mais desgraçada mãe, Mérope... – Ai triste,
Ei-la ai a mesquinha em seu fadário
De gemer e chorar – sobre esse túmulo
Do esposo, que, não sei por que milagre
Do Céu, ou por que engano de piedade
No tirano, inda ai lho deixam, inda
Essa última memória das virtudes

Passadas, esse extremo monumento
Da realza proscrita – o não sovertem
Na voragem que tudo o que era santo,
Ilustre, nobre ai tem devorado
Nesta votada terra de Messênia.
Ela chega. Deixemo-la à vontade
Desafogar suas mágoas.
(Retira-se para dentro do templo, e cerra meia porta).

CENA II

MÉROPE

(Entra cautelosamente, e não vendo ninguém, vai direita ao sepulcro).

Ai! ainda
Me ficou este último refúgio!
Posso inda a furto vir aqui sozinha
Minhas mágoas carpir, desabafá-las
Com estas frias lajes, menos duras
Que o duro coração do meu tirano
Sulcadas estão já por minhas lágrimas,
Que, três contínuos lustros, fio a fio,
Me tem corrido o pranto destes olhos...
Sombra adorada do infeliz consorte,
Não te aplaquei ainda... As tuas cinzas
Bem as sinto volverem-se no túmulo...
Ah, sim, mais do que pranto exige o esposo.
Sangue? – Sangue terás, – não de vingança:
Vedam-me esse prazer os Céus mesquinhos;
Mas o meu, o meu sangue neste mármore,
Em sacrifício extremo derramado.
Há de ir em breve saciar-te os manes,
E unir aos teus meu fado eternamente.
Há muito... mas sou mãe. Oh! tu, que foste
Tão estremoso pai, tu bem me entendes.
Sou mãe, e esta lembrança me conserva

O débil fio que me prende à vida.
Meu filho! minha esp'rança derradeira,
(assustada e abafando a voz)
Meu filho!... Oh! se me ouvisse alguém agora...
Se Polifonte... oh Céus! Eu rodeada
De espias, delatores ando sempre.
Se me ouviriam?... –Vejo ali um vulto...
Um homem... É um homem. Santos deuses.
Agora sim, que a minha hora extrema
De desgraça chegou!
(Cai de bruços sobre o túmulo)

CENA III

MÉROPE, O SACERDOTE *(caminhando para ela)*.

SACERDOTE

Não, ó rainha,
Sossega, não te ouviram os espias
Do tirano. Viúva de Cresfontes,
Tuas lágrimas caíram no meu peito;
E neste coração jazida eterna
Teus segredos terão, enquanto os deuses
Me não derem que possa quebrantá-los,
Que possa a este povo de Messênia
Liberdade bradar, mostrar-te a eles,
Mostrar-lhes o seu rei, teu filho...

MÉROPE

Filho!
Filho meu! – Ah, ouviste-me, e conheces
O meu segredo.

SACERDOTE

Sei-o há muito, Mérope.

MÉROPE

Oh! mas tu és ministro dos altares,
Não há de... Bem o sei, sei que não há de
Atraíçoar-me: oh sei, – Tenho inda um filho,
É verdade, é verdade: existo ainda
Nesse último resto do meu sangue.
Oh, quisera encobrir este mistério
De mim própria – de mim, que tenho medo.
Medo de meu amor não me atraíçoe,
Não me revele num suspiro o filho.
Temo que os olhos do tirano astuto
No pranto maternal mo não descubram.
Oh! quantas vezes sufoquei no peito,
Nos olhos mo enxugou a mesma causa
Que o fizera nascer! É o meu filho,
O último, vês tu? – E o esposo e os outros
Filhos, e tudo o que perdi... ai neste,
Tudo torno a perder se o perco agora.

SACERDOTE

Tem bom ânimo, é Mérope, confia
Na demência dos deuses sua cólera
Há de abrandar-se enfim; espera neles.

MÉROPE

Ah, que posso esperar dos Céus ainda?
Persegue-me a sua ira injusta, há tanto,
Sempre, sempre! Tiraram-me o esposo,
Os filhos!...

SACERDOTE

Inda um filho te deixaram,
Ainda to conservam.

MÉROPE

E é demência;

Da piedade do Céu são benefícios
Os males que não fez?

SACERDOTE

Rainha, escuta,
Ouve a amizade cândida e sincera
Que te fala sem vás hipocrisias.
Eu nunca fiz troar por minha boca
Os deuses, a quem sirvo na humildade
Deste meu coração onde não tenho
Menos o amor dos homens que o dos numes.
Mas no Céu, é rainha, não se medem
Pela nossa medida os bens e os males.
Da eterna justiça não sabemos
Avaliar nós as razões. Sofre, geme,
Resigna-te, suplica, e tem bom ânimo:
Talvez não tarde seu favor celeste;
Porventura...

MÉROPE

Oh! Conservem-me o meu filho,
Não lhes peço mais nada.

SACERDOTE

E já te ouviram:
Salvaram-to das garras do tirano.
Foi um prodígio seu, Nem eu concebo
Como, no denso horror daquela noite.
Por entre os ferros da ímpia soldadesca,
Como pudeste subtrai-lo à morte.

MÉROPE

Ah! que ainda o coração me estala e sangra
Coa lembrança de horror! Tenho presentes,
Volvem-me na alma as pavorosas cenas
Inda tintas no sangue dessa noite.

Vejo-o... E já três lustros são passados.
Vejo em meus braços semimorto o esposo...
Do peito inda a bolhões lhe salta o sangue...
Vejo das roxas, hórridas feridas
A pouco e pouco a vida esvaecer-lhe,
Oíço-o balbuciar no último arranco:
“Esposa, os filhos...” E ao dizer que os salve,
Cortou-lhe a morte a voz. – Sobre o cadáver
Que me esfria nos braços, e entre os tristes
Os lastimados beijos com que o cubro,
Queria ali morrer, Mas dentro na alma
Me brada que sou mãe a natureza.
Corro aos filhos... Ai triste! sinto ainda
O que não podem nem dizer palavras
Nem conceber o espírito. – Ímpios ferros
Os membros infantis lhe atassalharam.
Abraço-os um e um... Já não respiram.
Um tinha ainda o punhal cravado
No seio. Arranco-lho... E já curvo o braço
Para morrer ali... Mas inda quero
Cevar os olhos outra vez, fartar-me,
No espetáculo horrível, Fito-os, vejo...
Grandes deuses, que vi! Um de meus filhos
Cum gemido de dor me estende os braços.
Como aquele gemido me entrou na alma!
Como outra dor, tamanha mas diversa,
Me revirou o coração no peito..
Não sei; mas um apego tal à vida,
Um medo de morrer tamanho, nunca
O sentira jamais. Acudo ao filho;
Inda respira, fora leve o golpe:
Penso-lhe a chaga pouco funda e tênue,
Co ele em meus braços à ventura corro
Pelas desertas salas do palácio.
Guia-me um deus: encontro Polidoro,
Do meu Cresfontes o mais fiel amigo:

O tempo foge... eu debruçada em pranto
O precioso penhor nas mãos lhe entrego;
E: “Foge, foge (sé lhe disse) longe
De Messênia, vai, leva-o, corre, parte,
Guarda-o à triste mãe...” – Ia por diante,
Mas o amigo fiel já me não ouve;
Voava: protegeu-o o Céu propício,
Os passos lhe escudou, salvou-me o filho;
E em tida ambos vivem, – Eu...

SACERDOTE

Silêncio,
Que aí vem o tirano Vejo os guardas
E o numeroso séquito que sempre
O rodela

MÉROPE

Não posso já fugir-lhe.

CENA IV

MÉROPE, o SACERDOTE, POLIFONTE, séquito, guarda.

POLIFONTE

Lá está junto ao sepulcro. E eu que inda sofro
Essa fatal memória do meu crime
Aí a recordá-lo, e a suscitar-me
Os remorsos que afoego em vão no meu peito!
Eu tolero estes prantos de continuo,
Este carpir de viúva inconsolável
Que me afronta e me pesa! – Acabou hoje
Minha longa paciência.
(Aproxima-se de Mérope)
Mérope, ouve
As palavras de paz com que hoje venho
Pela última vez...

(Vendo o sacerdote)

Tu que fazias

Aqui? – Para o teu templo, sacerdote,

E deixa-nos em paz. – Vós todos ide.

CENA V

MÉROPE, POLIFONTE.

POLIFONTE

Pela última vez, dizia eu, Mérope.

Venho a ti. Basta enfim de inúteis prantos,

Deixa vãos preconceitos. Foste esposa,

Reinaste; e eu reino agora: tal do mundo

Foi sempre a sorte. Do meu novo império,

Fruto de tantas lidas tão cansadas,

E a que o sangue de Alcides me não dava

Menos direitos do que ao teu Cresfontes,

Do império a que me ergueu minha vitória,

Bem vês que não abuso. Como outrora,

És respeitada e vives; livre o passo

A toda a parte tens. Já com justiça

Me poderás chamar tirano?

MÉROPE

Chamo.

E que és tu mais? Não vês este sepulcro?

Não vês nele gravado o teu delito?

Não te diz que és um súbdito rebelde?

Não vês naquelas lajes esculpidos.

Um por um, teus nefandos atentados?

E aqui, neste lugar, aqui ousaste

Vir, sem pejo, ante mim fazer alarde

De teus horrídeos crimes! E um tirano

Não és tu, monstro?

POLIFONTE

Sou teu rei, ó Mérope
Basta para punir-te um meu aceno;
Posso prostrar de um sopro esse moimento
Em que aos manes do esposo cada dia
Trazes de of'renda imprecações inúteis
Contra mim, contra o Céu que te não vinga.
E sei-o e sofro-o, E sei que o sacerdote
Teu consócio no crime...

MÉROPE

Que proferes!
Nem dos altares o ministro poupam
Tuas negras suspeitas?

POLIFONTE

Eu conheço
Os ministros do altar, Mas dos seus numes
Só imito a demência: perdoei-lhe,
E as tuas injúrias, e o continuo
Maquinar de teus cegos partidários,
E tudo o mais que sei... tudo perdoou,
Talvez minha piedade excede os termos
Da justiça real... – Messênia sabe
Quanto à sua ventura sacrífico
Meu interesse próprio; e quero dar-lhe
Hoje solene prova de clemência.
É necessário, pede o bem do Estado
Que neste império enfim se ponha termo
Aos bandos, aos partidos, Fácil meio
Tinha na espada ou no rigor severo
Da bipene das leis...

MÉROPE

Em leis tu falas!
Existem leis onde um tirano impera?

POLIFONTE

Sossega as iras um momento; escuta:
Demos a paz aos povos; de nós ambos
Ela depende só. Esposo e reino,
Tudo perdeste, recupera tudo:
Consorte e cetro te ofereço.

MÉROPE

O cetro
Manchado por tuas mãos, torpe, calcado
Da plebe, a cujos pés o arremessaste
Quando eras seu escravo, e no delírio
Da popular soltura preparavas
Tua atroz tirania... guarda-o, guarda-o:
Está bem nas tuas mãos, – Ah! e em consorte
Falaste! – Esposo, a mim? e tu mo of'reces!
Esposo a mim! – E quem é?

POLIFONTE

Sou eu mesmo.

MÉROPE

Tu!

POLIFONTE

Eu, sim, eu, teu rei.

MÉROPE

Deuses, faltava
Esta última injúria, esta ignomínia
Derradeira à viúva de Cresfontes!
E ousaste pensá-lo, e atreveu-se
Tua boca a preferi-lo? O assassino
De meu esposo! O monstro inda coberto
Do inocente sangue de meus filhos...

POLIFONTE

Teus filhos! – Nessa noite sanguinosa,
Em que eu tive decerto menos culpa
Do que tu me atribuía, – nessa noite
Teus filhos todos... todos pereceram?
Um amigo fiel não pôde acaso
Salvar?...

MÉROPE

Que dizes tu?

POLIFONTE

Não digo nada.

MÉROPE

Tu sabes?...

POLIFONTE

Não...

MÉROPE

Não sabes. E que havias.
De saber tu? Morreram, todos, todos.
Do sangue de Cresfontes já não resta
Quem te assombre. Que temes tu?...

POLIFONTE

Não temo...

Nem tu deves temer. Mas ouve, ó Mérope:
Se algum dos teus... dos teus fiéis, precisa
Amparo e proteção, com pranto e lágrimas
Não é que lhe hás de dar, Ofereci-te
Metade do meu trono... Pensa, é Mérope,
Pensa e resolve.

CENA VI

MÉROPE, depois o SACERDOTE.

MÉROPE

Estou, estou traída.

Quem foi, quem me perdeu? – Oh filho, filho!

Oh desgraçada mãe! Por toda a parte

Tem o bárbaro espias, tem algozes.

Ai de mim! se o descobrem... santos deuses!

Resolve, o quê? Morrer – só morte...

SACERDOTE (*abrindo as portas do templo, diz com voz solene.*)

Vive:

É preciso viver.

MÉROPE

Viver eu como,

Para quê?

SACERDOTE

Para o filho e para a pátria..

ATO SEGUNDO

CENA I

POLIFONTE, séquito, guardas.

POLIFONTE

Já não duvido mais: Mérope ainda

Tem um filho. – Um filho de Cresfontes!

Como escapou, aonde mo ocultaram?

Não sei; mas uma esp'rança nos seus olhos,

Aquele suspirar como em segredo,

Me diz que não é só carpim de viúva

O seu carpir: não me enganei, é certo:
Vi-a ao nome de mãe esmorecer-se...
Eu sempre o suspeitei: quase em certeza
Minhas suspeitas se volveram hoje.
Mas onde existe o desgraçado resto
Dessa proscrita, mísera progênie?
(aos do séquito)
Cumpra sabê-lo, e morra. – Oh lá, chama-me
O sacerdote: é o confidente certo
O movedor destas intrigas todas.
Vejam os se... Dissimulado e astuto
É o sacerdote. Sim, mas não me excede:
Já reino há muito, – Oh, abre-se a porta,
Ele chega; finjamos.

CENA II

O SACERDOTE, POLIFONTE, séquito, guardas.

POLIFONTE

Venerando
Ministro dos altares, como amigo.
Não como rei, a ti venho. Merecem
Tuas virtudes esta deferência,
Posso mandar...

SACERDOTE

E eu hei de obedecer-te:
Do poder que te deixam sobre a Terra.
Os deuses julgarão.

POLIFONTE

Mas eu quisera,
Exijo... peço muito mais do que isso:
Quero a tua amizade,

SACERDOTE

Eu amo os deuses.

POLIFONTE

Não proíbem os Céus que os homens se amem.

SACERDOTE

Antes o mandam.

POLIFONTE

Bem; conheço agora

Que de teu ministério Augusto és digno:

Quero do teu amor hoje uma prova:

Mérope... tem ainda um filho.

SACERDOTE (*aparte*)

Um filho!

Oh Céus! – Filho de...

POLIFONTE

Sim; já de que existe

Tenho certeza.

SACERDOTE

Como! Pois não foram

Nessa noite de horror extintos todos?

Do infeliz régio sangue uma só gota

Ficou por derramar?

POLIFONTE

Esse mistério

Sabes melhor do que eu. Fala.

SACERDOTE

Encerrado

No sagrado recinto desse templo,

Do santuário à sombra veneranda.
Vivo só, ignorado, e tão remoto
Do bulício das cortes, do tumulto
Dos homens e de seus tão vão cuidados,
Que, indif'rente a essas lutas e contendias,
Apenas ergo aos Céus súplices palmas
Rogando peio bem da minha pátria.

POLIFONTE

Bem sei... E que fazia hoje contigo
Mélope nestes sítios?

SACERDOTE

Soluçava,
Gemia, suspirava a desgraçada.
É o seu viver: clamava pelo esposo,
E bradava piedade aos Céus.

POLIFONTE

Com ela
Eu bem te vi falar: que lhe dizias?

SACERDOTE

Eu na sua aflição a consolava,
E na chaga da dor vertia o bálsamo
Da santa religião.

POLIFONTE

Ah! já não posso
Tanta impostura suportar. Um filho
Tem Mélope; sei-o eu: onde está ele?
Fala.

SACERDOTE

Não posso.

POLIFONTE

Teme...

SACERDOTE

Eu temo os deuses,

POLIFONTE

Morrerás.

SACERDOTE

Não receia o justo a morte.

POLIFONTE

Posso...

SACERDOTE

Que mais do que tirar-me a vida?

POLIFONTE

O templo prostrarei donde me insultas,
De donde, com teus pérfidos sequazes,
Domas rebeldes pelo povo espalhas...
Teu santuário, foco de discórdias,
Patentearei à irrisão das gentes;
Cairá sobre ti o altar e o templo;
E hão de ficar teus numes nesse opróbrio,
Sem incensos, sem aras, sem ministros...

SACERDOTE

Templo é dos numes toda a natureza:
Nos corações virtuosos dos humanos
Têm vítimas, altar, incenso e votos,
Extingue o lume da razão nos homens,
E o culto extinguirás do deus que odeias.

POLIFONTE

Estremeço de raiva, Oh lá, soldados!
Férreos grilhões aos pulsos desse pérfido;
Ao mais horrendo cárcere se arraste...
E nas trevas de lúgubre masmorra
Aprenda a obedecer.
(Lançam-lhe os grilhões)

SACERDOTE

Eis-me. É tirano:
Que mais queres de mim? Olha os teus ferros,
Vê quanto podem! Sopenar-me es braços.
Quão pouco sois, ó déspotas da Terra!
Tens para o coração também algemas?
Tens grilhões que a razão ferrolhem na alma?
Débil punhado de coroadas cinza,
Quem és tu?

POLIFONTE

Apartai-o de meus olhos.

SACERDOTE

Corro, ó tirano, satisfeito à morte:
Há muito que aprendi a não temê-la.
Tu, déspota, no trono mal seguro
Treme, que um vingador dos Céus não tarda,
Treme, perverso.

CENA III

MÉROPE, o SACERDOTE, POLIFONTE, séquito, soldados.

MÉROPE

Augusto sacerdote,
Que vejo! agrilhado! – Onde te arrastam?

SACERDOTE

A morte.

MÉROPE

Oh Céus! porquê?

SACERDOTE

Não sei.

POLIFONTE

Não sabes?

Porque é rebelde,

MÉROPE

A quem?

POLIFONTE

Ao seu monarca.

SACERDOTE

Monarca tu! Deliras, Polifonte.

Rei quem te fez, quem te sentou no trono,

Quem nas malvadas mãos te pés o cetro?

O cetro ainda tome e maculado

Do régio sangue que esparziu teu ferro...

Basta para ser rei o crime, a intriga,

Os direitos dos povos nada valem,

As armas são as leis que ao sólio chamam,

E...

POLIFONTE

Levai-o.

MÉROPE (*a Polifonte*)

Ah, senhor, ah! tem piedade

De seus anos tão velhos, tão cansados,

Movam-te aquelas cãs, respeita ao menos
No ministro do altar o altar e os numes,
Nele venera o povo o deus que adora:
Excitado talvez...

POLIFONTE

Pois, que obedeça.

SACERDOTE

Não posso.

POLIFONTE

Parte.

MÉROPE (*ao sacerdote*)

Não: modera um pouco

Tua severa, rígida virtude:

Obedece: ele manda... ele governa...

SACERDOTE

Soldados, ao meu cárcere.

MÉROPE

E mais duro,

Mais férreo coração terás do que ele!

Não vês o triste estado em que nos deixas?

Que será deste povo desgraçado?

Quem na sua aflição há de valer-lhe,

Quem as vozes de Céu?...

SACERDOTE

O Céu e os numes

Dentro do coração terá se é justo.

MÉROPE

Movam-te ao menos minhas desventuras,

De mim tem dó.

SACERDOTE

De ti!... –Sobejo o tenho.

Rainha, adeus,

MÉROPE

Espera... oh Céus! Quem há de

Ao meu triste...

SACERDOTE (*interrompendo-a vivamente*)

Que dizes, desgraçada!...

Deixa-me.

MÉROPE

Ah!... por piedade... E que motivo?

(*a Polifonte*)

Dele que exiges tu?

POLIFONTE

Tênuê serviço

Mas importante a mim.

SACERDOTE

Tênuê, malvado?

Bem importante a ti? – Assaz o creio.

Ouve, ó rainha: quer esse tirano...

POLIFONTE

Suspende.

MÉROPE

O quê?

SACERDOTE

Que lhe descubra...

MÉROPE

Oh deuses!

SACERDOTE

Se um filho...

MÉROPE

Um filho!

POLIFONTE

Pára.

SACERDOTE

Teu...

MÉROPE

Meu filho!

POLIFONTE

Pérfido!

MÉROPE

Um filho meu! – Tu mos deixaste?

POLIFONTE

Sim, tens um filho: suspeitei-o há muito,

Sei-o agora. Se és mãe, inda te resta

Um meio de o salvar.

MÉROPE

Qual?

POLIFONTE

Inda há pouco

Te disse.

MÉROPE

A infâmia!

POLIFONTE

Oh! quem se aproxima?

Entre soldados preso um estrangeiro!

Mancebo é inda...

MÉROPE

Um estrangeiro? Oh deuses!

Bate-me o coração.

POLIFONTE (*aos soldados que guardam o sacerdote*)

Soldados, eia,

Esse hipócrita longe de meus olhos:

Levai-o ao cárcere: ide.

CENA IV

MÉROPE, POLIFONTE, EGITO, séquito, soldados.

POLIFONTE

Ah! e vós outros,

Quem é este mancebo? Que delito,

Meu prisioneiro o fez? Falai. – Mas quero

Eu perguntá-lo. – Tu quem és?

EGITO

Sou filho

De humildes, pobres pais, mas não escravos.

POLIFONTE

O teu crime qual é?

EGITO

Junto dos muros
Desta cidade, e em defesa própria,
Tive a desgraça de matar um homem,

POLIFONTE

E quem era esse homem?

EGITO

Estrangeiro
Parecia, e o trajar ao medo de Élida
Era como este meu.

MÉROPE

Élida?

EGITO

Ao menos
Assim se me antolhou.

POLIFONTE (*aparte*)

De Élida ao nome
Estremeceu... Talvez... Aprofundemos
(*alto a Egito*)
Este mistério mais. – Onde nasceste?

EGITO

Em Élida, te disse.

POLIFONTE

De teu crime
Conta mais por miúdo as circunstâncias.

EGITO

Ah tu queres, ó rei, dentro em minha alma
Renovar minha dor e os meus remorsos!
Apraz-te ouvir meu crime? Ouve-me e julga.

Verás nesse delito involuntário
Toda a minha inocência. – Pelas margens
Do suave Pamiso caminhava;
E já de longo andar quebrado as forças,
No templo entrei do valoroso Alcides
Que em solitária encosta de ermo oiteiro
Junto ao rio se eleva; ali prostrado
Súplices mãos tendia ao deus que adoro,
Que aprendi a implorar de tenra infância.
“Protege, lhe dizia, ó grande Alcides,
Protege o sangue teu.” – Tal de menino
Me ensinava meu pai...

MÉROPE

Teu pai! Quem era?

EGITO

Um venerando ancião...

MÉROPE

E o seu nome?

EGITO

Era...

MÉROPE

Como?

EGITO

Céfiso se chamava.

MÉROPE

Mas talvez... – Continua a tua história.

EGITO

Destarte orava: e no fervor das preces

Eis me interrompem, súbito me assaltam
Armados de punhais dois assassinos:
Quem és, clamaram, que tens tu, mendigo,
Com o sangue de Alcides?” – Nisto e ferro
Já sobre o peito me apontava um deles.
Algum deus me ajudou: de um bote rápido
Sobre o braço traidor, lhe quebro e talho;
Segundo o golpe, e lhe atravesso o peito.
Espavorido o companheiro foge:
Traidores são cobardes. – Vi-me livre,
E atentei no infeliz que aos pés me expira.
Era a primeira vez que o sangue humano
Tingia minhas mãos: aflito e triste
Chorou-me o coração, e gemi sobre ele.
Novo no crime, não sabia ainda
Os meios de ocultá-lo: arrasto ao rio,
E em suas águas sepulto o corpo exangue.
Fugi: nem me lembrou minha imprudência
De apagar na mesma água o claro indicie
Do meu delito. Incerto, horrorizado
Corro, inda em sangue esquálidos, fumando
O braço, as vestes; chego delirante
As portas de Messênia, e os teus soldados
Me seguram, me arrastam, – Do meu crime
Ouviste as circunstâncias e a verdade:
Não sei outra linguagem. Tu me julga.
Mas...

POLIFONTE

Basta: saberás o teu destino.

(Aparte)

Grandes suspeitas em minha alma excita

Este mancebo; esclarecê-las cumpre.

(Alto)

Adrasto, oh lá.

(Fala em segredo com um do séquito: e depois continua alto)

Em segurança o tende.
Tu, Mérope, resolve. Adeus.

CENA V

EGITO, MÉROPE, soldados.

EGITO
É esta
A rainha, esta é Mérope? Ah! Senhora
Tem piedade de mim: sou desgraçado.
Tu só pedes valer-me; és compassiva.
Sempre e ouvi a meu pai.

MÉROPE
Que te dizia
Teu pai? Conhece-me ele?

EGITO
De Messênia
Foi cidadão outrora.

MÉROPE
De Messênia!
O seu nome?

EGITO
É Cefiso; já te disse.

MÉROPE
Talvez outro?...

EGITO
Só este lhe conheço.

Mérope

E em Élide que faz? Desta cidade
Porque fugiu?

EGITO

Ai, nunca em tal fugida
Nunca lhe ouvi falar sem que agro pranto
Pelas rugas das faces lhe corresse.

MÉROPE

Chorava ele!... Porquê?

EGITO

Eu nunca pude
Penetrar de suas lágrimas a causa,
De teu esposo a acerba desventura
Muitas vezes chorando me contava.
E só de ouvir ou pronunciar teu nome
Se debulhava em pranto.

MÉROPE

Que suspeitas.
Que lembranças na mente me revolvem!
Diz... em tida... nunca... em Polidoro
Falar ouviste..., nunca o conheceste?

EGITO

Eu vivia no campo em pobre albergue.
Sozinho com meus pais velhos e enfermos;
Ninguém mais que eles conheci.

MÉROPE

De Egito...
O nome... ignoras?

EGITO

Nunca ouvi tal nome.

MÉROPE

E nunca... em tua mãe?...

EGITO

Ai, desgraçada!

Se ela me visse agora!

MÉROPE

Tu... conheces

Bem tua mãe?...

EGITO

Não hei de conhecê-la!

Ela que tantas vezes me apertava

Em seus trêmulos braços, que em suspiros

Me chamava e seu filho tão querido!

Mísera mãe!

MÉROPE

Oh fado, ah, não me deixas

Nem a doce ilusão da minha esp'rança!

Quase as vãs aparências me enganavam.

(Aparte)

Aquele som de voz... o mesmo gesto...

Parecia-me ver e meu Cresfontes.

(Alto)

Desgraçado, que queres, que procuras

Nestes sítios de horror? Nesta cidade.

Aonde reina e crime e habita a morte,

A que vinhas?

EGITO

Sem fim; só conduzido

De ímpeto juvenil, do vão desejo

De ver terras e gentes. Quantas vezes

Minha imprudência amaldiçoei!

MÉROPE

Mas diz:

Esse... esse infeliz a quem mataste

Era de Élide?

EGITO

Sim.

MÉROPE

Jovem?

EGITO

Seria

De meu talhe, come eu, da mesma idade.

MÉROPE

Procurava ocultar-se?

EGITO

Sim, parece-me

Que buscava esconder o resto.

MÉROPE

E era

Nobre no porte?

EGITO

Nobre.

MÉROPE

Altivo?

EGITO

Altivo.

MÉROPE

Fugia?

EGITO

Sim, eu creio que fugia;

Vinha pálido...

MÉROPE

E tu mataste-o, bárbaro?

EGITO

Eu defendi-me.

MÉROPE

E ele moribundo

Nada disse?

EGITO

Algum tempo junto dele

Chorando estive. – Já no arranco extremo...

MÉROPE

Desgraçado!

EGITO

Ah sim: – lembro-me agora.

O triste nos suspiros derradeiros

Chamava por sua mãe...

MÉROPE

Sua mãe! Malvado,

E tu mataste-e, tu! – E o corpo exangue

Sepultaste nas águas! – Céus!... Perdido,

Perdido e para sempre...

EGITO

Ai, miserando,
Que fiz! Em que te ofende e meu delito?
Oh, pune-me, sim pune-me de um crime
Que me faz detestar a própria vida.
A tua ofensa vinga... Eu ofender-te!
Eu que te adorei sempre, que da infância,
Nos braços de meu pai que me ensinava,
Tantas vezes por ti rogava aos deuses,
Eu ofender-te ousei – Bem desgraçado
Sou.

MÉROPE

Que falar, que lágrimas, que acento!
Como ao meu coração seus ditos chegam.
Que invisível poder tem na minha alma!
Rege-a, mau grado meu, move-me, agita-me...
Até me custa a separar-me dele.
Que pérfida ilusão! – Oh não é este:
É que por toda a parte a doce imagem
De meu filho me segue. – Ide, levai-o,

EGITO

Ah, tu me desamparas! ó Senhora,
Se não rogas por mim... Não abandones
Um desgraçado filho...

CENA VI

MÉROPE

Filho!... Ai, filho
Ia quase a chamar-lhe! – Malfadada!
Doce e triste ilusão, suave engano,
Perseguidora imagem do conserte,
Saudades do meu filho tão querido,
Ah, que do coração, para iludir-me.

Aos olhos me vieram. – Não, não era
Para mim tal ventura. – E Polifonte?...
Polifonte! que horror! – Eu sua esposa!
Mas o tirano sabe do meu filho;
Polidoro não vem... e vai num ano
Sem notícias sequer... Oh, vem trazer mas,
Vem, Polidoro, vem trazer-me a vida,
Ou libertar-me a tempo com a morte.

ATO TERCEIRO

CENA I

POLIFONTE, séquito, soldados.

POLIFONTE

Tragam-me aqui o sacerdote. Ide.

(Falando com um ministro do séquito)

Adrasto, de sua rígida constância

Vejamos se triunfo. Aos meus intentes

É necessário este homem: meios brandos

Talvez poderão mais que as ameaças.

Careço dele: para o povo rude

Sempre é bom rei o amigo dos altares...

(Falando consigo)

Demais, este mancebo e o seu delito,

Não sei que pense dele. – Vinha de Élide;

Mélope ao nome de Élide estremece,

(torna a dirigir-se ao ministro)

Mil perguntas lhe fez... – Deram-se as ordens

Que mandei?

(O ministro inclina-se)

Um dos deis, ou este ou o morto,

É o filho de Mélope: só resta

Saber qual. Deste modo e saberemos.

Mas eh, ei-lo que chega e sacerdote.

CENA II

O SACERDOTE, POLIFONTE, séquito, soldados.

SACERDOTE

Que mais queres de mim, que me pretendes?
Por que roubar-me as trevas do meu cárcere,
Por que arrastar-me ao dia e à luz que odeio,
Que infecta a escura névoa de teus crimes?

POLIFONTE

Ouve-me.

SACERDOTE

O quê, minha sentença? Oh, venha:
Venha a morte. Bendito o deus que os rogos
Do seu serve escutou!

POLIFONTE

Sossega e julga.
Tirai-lhe esses grilhões.

SACERDOTE

A mim! Que dizes?
Oh Céus! e por que preço? – É novo crime
Que exiges? – Não, não quero a liberdade.
Volve-me ao cárcere, os tormentos dobra;
Porém cúmplice teu nunca hás de ver-me.
Vítima posso eu ser de teus furores,
Ministro não.

POLIFONTE (*aparte*)

Sê-lo-ás a teu despeito.

(*Alto*)

Ouve, e as minhas tenções verás quão puras,

Quão virtuosas são. – Do que é passado,
Como eu, te esquece: recupera tudo.
Toma ao teu santuário e aos teus altares.
De ti, só uni serviço exijo agora;
Que a Mérope...

SACERDOTE

O quê? atraioá-la, Ser-lhe infiel?

POLIFONTE

Não, – Cumpre ao bem do Estado
Que ao trono de Messênia entra vez suba.

SACERDOTE

Ao trono!

POLIFONTE

Ao trono, sim: quero que reine
Ao meu lado.

SACERDOTE

Mérope a teu lado,
De Cresfontes a viúva!

POLIFONTE

Minha esposa
Há de ser, Proveitoso a mim e a ela
Este consórcio é e a todo o império;
São justas as razões que o aconselham.
Necessárias me são suas virtudes,
E quero-lhe mostrar quanto as venero.
Desde hoje será lei sua vontade,
O seu menor desejo. Quero dar-lhe
Um documento já. Por meus soldados
Foi, como viste, há pouco aprisionado
Um mancebo estrangeiro.

SACERDOTE

Era estrangeiro?

POLIFONTE

Sim, e ainda na ingênua flor da idade:

Homicida, mas nobre no seu crime,

Acusa-se e confessa-o. Viu-o Mérope.

E tanto a comoveu sua candura,

Tanto se condeu da sorte dele.

Que eu, por lhe comprazer, houve piedade

Do jovem, e quisera perdoar-lhe.

Mas cumpre examinar as circunstâncias

Que alega por desculpa de seu crime.

No entanto, e em obséquio da rainha,

A tua guarda entrego este mancebo.

SACERDOTE

A minha guarda! Para quê?

POLIFONTE

Não sabes

Quanto se apraz de vê-lo e de falar-lhe

Mérope. Assim mais fácil pode tê-la,

Essa consolação. Tomara eu, ore-me,

Dar maior lenitivo a seus pesares!

Mas desejo que, ao menos neste pouco,

Comece a ver em mim um rei benigno.

E nestas complacências reconheça

Um esposo... – Mas ela se aproxima.

Em paz vos deixo. Adeus! vê se tirano,

Se da pátria opressor é Polifonte.

CENA III

O SACERDOTE, depois MÉROPE.

SACERDOTE

Um criminoso à minha guarda entrega
Polifonte... e de Mérope aos desejos
Anui prazenteiro... – Oh, traições grandes,
Grande mistério encerram de maldade
Desnaturais bondades de um tirano!

MÉROPE (*entrando*)

Santo ministro, ó meu único amigo,
Ó meu fiel amparo derradeiro,
Correndo apenas soube que eras livre,
Venho no seio teu depor meu pranto.
Desabafar contigo os meus pesares.
Ai triste! – Pois não sabes que meu filho?...

SACERDOTE

Que dizes nestes sitios?... espiados
Somos por toda a parte...

MÉROPE

O quê? escuta-nos
O tirano? Ai de mim! que este segredo
Do meu amor já me não cabe na alma,
E há de matar-me, há de.

SACERDOTE

Descoberto,
Ó Mérope, já foi o teu segredo.

MÉROPE

Descoberto! Ora pois, chegou o termo
De tanto padecer. Eternos deuses,
Que tendes mais para me dar?

SACERDOTE

Já sabe

Que tens um filho, mas...

MÉROPE (*interrompendo-o com ânsia*)

Mas onde existe

Não o sabe o perverso! Não, nem há de
Sabê-lo nunca. Os Céus, os Céus mo guardam.

Não é assim? Diz: são os Céus que o guardam;
Destra invisível lhe protege os dias.

Oh sim, meu filho: os deuses vingadores,

Os deuses justos – são justos os deuses –

A esta triste mãe, aos seus gemidos,

Ao pranto maternal, aos ais, às preces

(*desanimando*)

Seu furor abrandaram... – Seus furores.

O meu pranto, – ai de mim! Salvou-me o esposo

Um mar de minhas lágrimas? salvou-mo

O fervor de meus rogos, de meus votos?

Confundido não vi – lembrança horrível! –

Co sangue do consorte, o dos filhinhos?

E são justos os Céus e são piedosos!...

Que profiro? ai de mim! – Tende piedade

De tia mãe que fizestes desgraçada:

Conservai-me este só... que me deixastes,

Deuses, e bendirei vossas bondades.

SACERDOTE

Sim, rainha infeliz, hão de guardar-to,

E salvá-lo das iras do tirano.

Encerra-se entre nós o alto segredo

De sua habitação. De mim conheces

Se poderá sabê-lo. Acautela-te,

Receia de ti só, teme ás astúcias

Do tirano e suas pérfidas bondades.

Tão generoso agora se nos mostra,
Que alguma traição má tem na alma negra.
Vês como os ferros me tirou dos pulsos,
E piedoso contigo quer mostrar-se,
Entregando-se-me aqui esse estrangeiro
Por quem mostraste compaixão, diz ele,

MÉROPE

Esse jovem... ah, sim: muito o seu fado
Me comoveu por certo.

SACERDOTE

E nada sabes
Dele, quem é?

MÉROPE

Um jovem desgraçado:
Vinha de tida.

SACERDOTE

Como! E não disseste
Que aí estava?...

MÉROPE

Sim, disse... o meu filho...
E talvez, ai de mim!... Té parecia
o gesto, o som de voz, o de Cresfontes.

SACERDOTE

Que escuto, oh Céus! Que dizes? – Ah corramos...

MÉROPE

Não, não é para mim ver o meu filho:
Os invejosos Céus mo não consentem.
(Fica algum tempo como afogada em dor, e depois continua)
E pensavas, amigo, que eu podia,

Que podia fia mãe com tais suspeitas
Descansar um instante, um só momento?
Que mil indagações, que mil perguntas
Com ânsia escrupulosa não faria?
Que o mais tênue vislumbre de esperança
Não fora um raio de prazer, de glória
Que as névoas de meu pranto dissipasse?
Ah! não: esse mancebo é um desgraçado
Que só veio avivar as minhas dores
Com essa aparência enganadora
Que decerto não tem, mas que lhe acharam
Estes meus olhos cegos de saudades.

SACERDOTE

Contudo, esse estrangeiro... Há neste caso
O quer que seja de mistério oculto
Que é razão profunder. – Quem era o morto?

MÉROPE

Outro estrangeiro.

SACERDOTE

Estrangeiro... E donde?
De que parte?

MÉROPE

Era de Élide.

SACERDOTE

Que dizes!
São ambos estrangeiros, ambos vinham
De Élide! – Ah! se ora deles...

MÉROPE

É verdade,
É certo; o coração bem mo dizia.

Oh meu filho! – Ai de mim qual será deles?
Corramos a indagar... Sim, sim, voemos.

CENA VI

MÉROPE, o SACERDOTE; e POLIDORO.

(no fundo do teatro em atitude de grande dor)

MÉROPE *(indo a sair encara com Polidora)*

Mas uru homem, oh deus! – Somos traídos.

SACERDOTE

Um homem! Certamente algum espia.

MÉROPE

Quem és, que queres tu, a quem procuras?

Que fazias aqui? Oh! quem te envia

É Polifonte, dize. – Por piedade

Não me percas, não, não...

SACERDOTE

Sonho... ou me iludo?

É ele mesmo, é Polidoro,

MÉROPE

Deuses!

Polidoro! Que ouvi? – És tu? Meu filho

Onde está, que fizeste, onde o deixaste?

O que faz que não vem? – Quem o demora?

É vivo? Já do pai conhece o nome?

Já lhe ensinaste a amar-me, a ser bom filho?

Assemelha-se muito ao meu Cresfontes?

Fala, diz.

POLIDORO

Oh rainha!...

MÉROPE

Quê?

POLIDORO

Tu vives!

Posso ainda beijar a mão augusta

Da esposa do meu rei! Podem meus olhos

Ainda ver-te, e os meus trementes lábios

Falar-te ainda, ainda bendizer-te!

Posso...

MÉROPE (*com desabrimento*)

Podes falar-me de meu filho.

Vive? – Dize-me ao menos se ainda vive.

POLIDORO

Sim... vive.

MÉROPE

Vive? – Oh júbilo, oh prazeres

Deste meu coração! – Ai Polidoro,

Que amarga existência há sido a minha,

Que vida cruelíssima hei vivido,

Que azedume, que fel tingiu meu sangue,

Que aperturas, que afogo, que saudades,

Que dúvida cruel pior que tudo!

Oh que agitados sustos, que temores

Vida?... E vive na mãe sem ver seu filho?

Vida!... Se eu tinha a morte dentro na alma.

Mas dize-me: que é dele, onde o deixaste?

Que faz, quem o demora?

POLIDORO (*aparte*)

Oh santos deuses!

Como lhe hei de dizer que não sei dele?

MÉROPE

Emudeceste? – Acaso... oh!

POLIDORO

É seguro

Este lugar? Ninguém aqui nos ouve?

SACERDOTE (*depois de olhar por toda a parte*)

Ninguém: fala, mas baixo.

POLIDORO (*ajoelhando*)

Tem piedade

Destas cãs, destes anos tão cansados.

Minha velhice extenuada e débil

Não pôde, não bastou a segurá-lo...

Forcejei, mas em vão.

MÉROPE

O quê... que dizes?

Desgraçada de mim!... Pois quê!... meu filho

POLIDORO

Oh malfadado velho! Oh que não pude

Expirar eu de dor!

MÉROPE

Que ouvir! Que escuto!

Bárbaro! que me dizes? que fizeste?

O meu filho onde está?

POLIDORO

Prouvera aos deuses

Que eu soubesse onde existe!

MÉROPE

Quê!... Não sabes?

Mas viver?

POLIDORO

Vive... sim...

MÉROPE

Ah desgraçado!

Levanta-te... Ai de mim!... Sabes ao menos

Da sua vida decerto?

POLIDORO (abraçando o túmulo de Cresfontes)

Ó campa augusta,

Ó do melhor dos reis sagradas cinzas!...

O teu filho, e o meu... (meu também era)

O teu filho... fugiu: no peito altivo

Não lhe cabia o coração, há muito:

A nossa habitação era pequena

Para a sua grande alma. O despiedado

De mim não teve dó, nem dos meus anos:

Fugiu-me de repente.

MÉROPE

Nem soubeste

Para onde os passos dirigiu?

POLIDORO

Grão tempo

Há que por toda a Grécia o ando buscando,

Mas embalde corri.

MÉROPE

Oh caro filho!

Ai! que será de ti sozinho e fraco,

Desgarrado no mundo, sem arrimo,

Sem mãe que te acarinhe, que te amime;
Talvez mendigo!...

SACERDOTE

O espirito sossega:
Em teu filho vigia deus piedoso;
Do alto dos Céus a destra onnipotente
Os passos lhe dirige.

MÉROPE

Ah! que aos meus rogos
Ao meu pranto continuo, aos meus suspiros,
Se tão piedoso é o Céu, que mo conceda.
Tantos dias passados, tantas noites
No amargor da saudade, nos tormentos;
De tudo receando!... Olha, hoje ainda
Ao ver esse mancebo criminoso,
Ao ouvir-lhe contar da triste morte
Do infeliz estrangeiro...

POLIDORO

Um estrangeiro
Morto! aonde?

MÉROPE

Vizinho da cidade.

POLIDORO

Justos deuses, que escuto! Ontem?

MÉROPE

Sim, ontem.

POLIDORO

Junto do rio?

MÉROPE

Submergiu nas águas

O assassino cruel o como exangue.

POLIDORO

Santos nomes!

MÉROPE

Mas quê? tu estremeces!

Dize... talvez... minhas suspeitas... fala,

Desmaias!... desfaleces... Que pressinto!...

POLIDORO (*aparte*)

Mesquinho que farei, que hei de dizer-lhe?

MÉROPE

Que murmuras contigo? fala, dize,

Fala comigo... fala... que receias?

Em que pensas? que sabes? quero ouvi-lo.

Ah! tira-me de dúvida,

POLIDORO

Não posso...

Falar... a voz... me falta... eu morro...

MÉROPE

Tremo...

Que aperturas... que horror... lá não me atrevo

A perguntar-te... Não quero sabê-lo.

Mas quero: fala, A vida que me importa.

Se mãe eu já não sou... Que ideia horrível!

Ah! tu sabes... O morto?...

POLIDORO

Eu... não sei nada.

MÉROPE

Fala, que mando eu.

POLIDORO

Conheces... mísera...

Tu... este... cinto?

MÉROPE

Este... oh Céus! que vejo!

Que espetáculo horrível!... Tinto ainda

Em sangue fresco... Eu morro... eu...

POLIDORO

Desgraçado!

Ah! quando lho cingi... quem me diria

Que em tal estado tomaria a vê-lo?

MÉROPE

Quem me diria que eras um infame,

Indigno do depósito sagrado

Que te entreguei por minha desventura.

Dize: que é do meu filho! dize, pérfido:

Não to dei eu aqui? não me juraste

Guardar-mo?.. Foi aqui, foi neste sitio.

Quê dele? Quê da fé que prometeste?

E ousaste aparecer-me, e ousaste, louco,

Aparecer à mãe sem dar-lhe o filho?

O meu filho... o meu filho é morto! – E eu vivo!

Vivo, hei de viver para vingá-lo.

Onde está esse pérfido estrangeiro,

Esse bárbaro onde é que se oculta?

Quero vingar-me, quero lacerar-lhe

As entranhas, banhar-me no seu sangue,

Quero...

SACERDOTE

Rainha, vê que...

MÉROPE

Nada vejo.

Nada mais quero já, senão vingar-me.

E depois expirar sobre esta campa.

(Partindo)

POLIDORO

Sigamo-la.

SACERDOTE

Piedade, santos deuses!

ATO QUARTO

CENA I

POLIDORO

Que farei, desgraçado, nestes sítios

Onde tudo o que vejo me atormenta!

Estas mesmas colunas, este templo,

As mudas, frias pedras desta campa.

Desta campa, ai de mim! onde se escondem

As preciosas, venerandas cinzas

Do melhor dos monarcas, de Cresfontes,

Tudo parece erguer-se a perguntar-me

Pela sua esperança derradeira

Que lhe eu perdi, eu malfadado, eu mísero!

(Pausa)

Era aqui. – Vinha o povo alvorotado:

E, à frente da ímpia soldadesca,

Polifonte, vagando entre o tumulto,

Despiedado excitava à mortandade,

Passou ali, de sangue vai coberto...
Ainda o vejo à negra luz dos fachos;
Ouço o tinir dos ferros estridentes,
Escuto ainda, vejo-a aqui... oh vista!
A triste mãe, nos braços o filhinho
Todo escorrendo lágrimas e sangue.
Trêmula a voz, os passos vacilantes,
Cortada de terror, balbuciando
Dizer-me: “Polidoro, corre, voa.
Leva-o longe daqui... salva-mo, fuge
Lembra-te que é meu filho e de Cresfontes.”
E eu – amaldiçoado! – eu recebi-o,
Fugi, pude salvá-lo, pude... oh deuses!
Pude ser o maior dos desgraçados:
Perdi-o; sim, perdi-o... – Foram co ele
As esp'ranças da mãe e as de um Império.
(Pausa)
E vivo! – E esta velhice desonrada
Não vem a morte que me livre dela!
(Cai como desfalecido sobre o túmulo)

CENA II

EGITO, POLIDORO.

EGITO *(sem o ver)*

Estará decidido o meu destino?
Ai, que será de mim, só, desvalido.
E culpado num crime – deus! num crime
Por que todos me acusam, me detestam,
Se inda urna vez ao menos eu pudesse
Ver o meu triste pai! vê-lo, abraçá-lo,
Ou uma vez sequer! – Porém diviso
Junto àquele sepulcro...

POLIDORO *(sem o ver)*

Oh caro filho
Tu morreste e eu vivo!

EGITO
Céus, que escuto.
Que som de voz!

POLIDORO (*sem ver Egito ainda*)
Oh morte!

EGITO
É ele mesmo.

POLIDORO (*voltando-se*)
Oh velhice infeliz!

EGITO
É ele...

POLIDORO (*vendo Egito*)
Eu sonho!
(Ficam ambos algum tempo olhando-se com espanto; depois correm um para o outro)

EGITO
Meu pai...

POLIDORO
Meu filho...
(abraçam-se)

EGITO
Oh pai, tu nestes sítios?

POLIDORO
Filho, meu filho! E tu que infausto numa

Aqui te conduziu? Em que perigos.
Em que laço vieste enrevesar-te!
Tu és o criminoso que?...

EGITO

Sou esse.
Sou esse malfadado.

POLIDORO

Ah, foge, foge,
Foge, infeliz: não sabes, não, que horrores
Te ameaçam aqui.

EGITO

Já nada temo.
Já te abracei, meu pai, agora venham
Sobre mim os castigos, os tormentos.
O mesmo rei não temo...

POLIDORO

Ah não é dele
Que eu temo agora.

EGITO

Pois quê, da rainha?
Essa julguei que não me aborrecia,
Parecia-me...

POLIDORO

Sim, mas foge, foge:
Ela só, ela quer a tua morte,
Talvez não tarde aqui – oh que destino!
Se ela soubesse... oh deus!... se tu soubesses.
Se... Mas o tempo corre... em breve... Ai foge,
Salva-te, filho, foge às iras cruas
Da rainha!

EGITO

Eu fugi-la, eu que a amo tanto,
Fugir sua vingança, o seu castigo
Quando ousei ofendê-la! – Não, não quero
Ajuntar novo crime aos meus delitos.

POLIDORO

Foge, infeliz.

EGITO

Não fujo: venha embora,
E farte no meu sangue as suas iras,
Sacie o seu furor.

POLIDORO

Que proferiste!
Malfadado, que dizes! tu não sabes
Que ela em ti quer vingar o filho.

EGITO

E era
O que eu matei o filho da rainha?
Tão ímpio fui, tamanho foi meu crime!

POLIDORO

Não... tu és inocente.

EGITO

Eu inocente,
Eu coberto do sangue desse filho
Que...

POLIDORO

Não era seu filho o que mataste.

EGITO

Mas... Não posso entender-te.

POLIDORO (*aparte*)

Por mais tempo

Já não devo ocultar-lhe o grão mistério.

(*Alto e abraçando-o a soluçar*)

Filho, recebe o derradeiro abraço.

O abraço paternal de um triste velho

Que te chamou... te amou como seu filho,

Filho... tão doce, tão querido nome

Pela vez derradeira inda to chamo.

(*Ajoelhando*)

Sim, e aos pés do meu rei me prostro agora.

Minhas lágrimas vê; correm de gosto.

O primeiro sou eu que te apelido

Por tão sagrado título. – Tu foste

O meu filho... Ah, perdoa que me esqueço...

EGITO

Levanta-te: que fazes! de joelhos

Tu a meus pés, oh pai!

POLIDORO

Já não sou esse,

Sou teu vassalo, és o meu rei agora.

EGITO

Quê!

POLIDORO

Tu és filho do infeliz Cresfontes.

EGITO

E Mérope?

POLIDORO

É tua mãe.

EGITO

E Polifonte?

POLIDORO

Usurpador, rebelde.

EGITO

E eu?

POLIDORO

És Egito.

És de Messênia o rei.

EGITO

Se sou, qual dizes,

Sangue de Alcides... Mas que o sou já creio;

Sinto nas veias, sinto aqui no peito,

E neste ardor que o coração me inflama...

Vamos a castigar esse rebelde,

Vamos.

POLIDORO

Senhor, modera-te, ou perdido

Para sempre serás. Tua mãe...

EGITO

Sim, vamos

Abraçá-la primeiro.

POLIDORO

Oh Céus! que intentas?

Quê, descobrir-te a ela!

E Polifonte?... Estás inerte e só...

EGITO

Tenho este braço,
O meu direito, e os deuses que o protegem.

POLIDORO

Não, por deus, não: fuja dos destes sítios,
Fuja... – Mas aonde, por que modo?
E a rainha que não tarda aqui... e a triste
Que julga morto o suspirado filho,
E vem vingá-lo em si... – Mas ouve: escuto
Ruído... É, é ela – Gente armada...
Que aperturas! Aonde hei de esconder-te.
Como salvar-te às iras despiedadas
De tua própria mãe? – Se lhe descobro,
Se lhe digo... perdido és para sempre.
Se lho não digo, a desgraçada mata-te
Sem piedade.

EGITO

Vai, deixa-me com ela:
Deixa-me: eu dobrarei sua crueza,
Ou morrerei contente por seu braço.
Vai... Mas, oh não te exponhas tu aos olhos
Dos sagazes ministros do tirano; Esconde-te,

POLIDORO

Eu? – E tu neste perigo?
Daqui não vou.

EGITO

Esconde-te, ou eu mesmo
A Polifonte corro e vou dizer-lhe,
Declarar-lhe quem sou.

POLIDORO

Não, não, sossega:
Eu me oculto detrás destas colunas,
E velarei por ti. Não lhe descubras
A Mérope quem és. – E se outro modo
Não houver de abrandá-la, eu no perigo Te acudirei,

CENA III

MÉROPE, EGITO, soldados, sacerdotes, sacrificadores, séquito.

MÉROPE (*sem ver Egito que está detrás de uma coluna*)

Soldados, procurai-o,
Cumprido do vosso rei as ordens; ide,
E prepare-se o augusto sacrifício
Que aos não vingados manes de meu filho.
Pretendo oferecer e aos do consorte.
O meu filho de lágrimas! a última
Esperança que os deuses me deixaram,
O despedido ma cortou. – Oh, hei de
Sorver estas delicias da vingança
Com que me pula o coração tão sôfrego.
Hei de vê-lo tremendo, de joelhos
Suplicar-me piedade... – A ti piedade,
Compaixão para ti, monstro! – E o cutelo
A brilhar-lhe nos olhos, e a agonia
A apertar-lhe no peito desalmado,
Aquele coração... Oh já me tarda.
Angustia-me a sede da vingança:
Quero saciá-la. Ide, ide buscar-mo;
Lançai-lhe às mãos traidoras esses ferros.
Quero...

EGITO (*adiantando-se gravemente para Mérope*)

Arredai esses grilhões inúteis
Para cumprir as ordens da rainha
Basto eu só, Dos soldados do tirano

Não precisa a viúva de Cresfontes,
De sobejo meus braços manietaram
O seu pranto, as suas dores.

(Ajoelha)

De joelhos,
Mas sem tremer, aqui me tens: o peito
Descoberto aqui está. Fere; não peço,
Não suplico piedade; satisfaz,
Sacia neste sangue malfadado,
Proscrito como o teu, a longa sede
Da tardia vingança. Eis, fere:
Hei de contente receber o golpe.
Como tu ninguém mais, só tu no mundo
Sobre mim tens direitos tão sagrados.
Sim, vinga o filho, vinga-o no meu sangue,
Que eu hei de abençoar a mão piedosa
Da mãe que me castiga... Uma só graça
Te imploro por mercê: é o derradeiro
Favor que pedirei já nesta vida,
E não posso morrer sem que mo outorgues.
Dá que possam meus lábios moribundos
Beijar a régia mão que há de imolar-me:
Deixa imprimir-lhe o ósculo da morte,
E que o suspiro extremo...

(Vai a inclinar-se)

MÉROPE *(voltando-se para que a não vejam enternecer-se)*

Desgraçado!

A meu pesar o coração se amolga,
Enterneço-me... quase, quase o pranto
Dos olhos me desliza involuntário.
Que poder tem seus ditos na minha alma!
Retém-me o pejo só que o não abrace.
Infeliz!

EGITO

Ah! se ao menos, ó rainha,
Te pudesse mover meu triste fado;
E que antes de expirar visse em teus olhos
O mais leve sinal, um tênue indicio
De compaixão... de amor...

MÉROPE

Que encanto é este!
Oh que ilusão, que voz, que gesto aquele!

EGITO

Se uma vez, uma só vez... – Muito espero,
Muito ousado! – se uma vez o doce nome
Te pudesse chamar de mãe...

MÉROPE

Perverso!
Mãe!... Eu já não sou mãe... e por teu crime.

EGITO

Se tu de minha sorte condoída,
Vendo-me assim tão só, tão sem amparo,
Longe dos meus, dissesse por piedade:
“Filho!...”

MÉROPE

Que proferiste, desgraçado!
Filho... malvado! – Filho! eu tinha um filho;
E tu, tu foste que mo assassinaste,
Tu de minha piedade agora zombas.
Ah! esse nome a fúria me renova;
Tua sentença pronunciaste nele.
Morre.

(Toma o cutelo do sacrifício)

Mas que poder me afroixa o braço,
Qual invisível mão suspende a minha,

Que gelo pelas veias?...

EGITO

Ah que esperas?

Livra-me desta vida que me pesa:

E este sangue que é teu, que em teu serviço

Eu quisera verter – derrama-o, expie

O involuntário crime de meu braço.

Mas ouvir teus queixumes de orfandade,

Mas saber que sou eu a causa deles...

Oh poupa-me, rainha, esse tormento:

Melhor do que ele sofreria a morte.

MÉROPE

O que sinto, onde estou!

EGITO

Vinga o teu filho.

MÉROPE (*com esforço e resolução*)

Sim, o meu filho, sim o meu esposo

Vingados não de ser, – Manes queixosos,

Inultos manes de Cresfontes e Egito,

Vinde, vinde, acorrei ao sacrifício,

Vinde, sombras queridas, neste sangue

Beber a longos tragos a vingança.

Este ferro guiai-o àquele peito,

Avigora-me o braço que fraqueia.

Que treme... –Ah! já vos sinto, já não tremo,

Ei-los, sim esperai. – Esposo, filho!

Filho!... – Tu foste, tu que mo mataste:

Morre.

CENA IV

POLIDORO, EGITO, MÉROPE, etc.

POLIDORO

Que fazes, mísera! suspende.

MÉROPE

Quem ousa interromper o sacrifício?

POLIDORO

Desgraçada, que intentas?

MÉROPE

Eu, vingar-me.

POLIDORO

Cum parricídio?... oh Céus!

MÉROPE

Um parricídio

Vingar meu filho! – Ah, não: morre, malvado.

POLIDORO

Vingar o filho!... o filho!... Este é

O teu filho.

MÉROPE

Que dizes!

POLIDORO

Não morreu: – teu filho é este.

MÉROPE

Meu filho! Egito! – Sonho?... A dor, o pranto,

O prazer me sufocam... – Filho, corre

Aos meus braços.

EGITO

Oh mãe! – Posso chamar-te,
Já posso proferir tão doce nome.

MÉROPE

Sim, és meu filho: neste peito, há muito,
Batendo o coração mo adivinhava.
Filho, querido filho!... Ah, não me cabe
O excesso do prazer já dentro na alma:
Afogam mais as lágrimas de gosto,
– Filho que tantas dores me hás custado,
Filho por que hei vertido tanto pranto,
Filho, estás nos meus braços, no meu seio:
Neles te aperto enfim... – Oh, venha a morte,
Venha o tirano, que o não temo agora...
Que disse!... Ai de mim se ele viesse,
Se ele nos visse agora, se o malvado
Pudesse descobrir que eras meu filho...
Oh que...

POLIDORO

Senhora, Polifonte chega.

MÉROPE

Onde esconder-te? que farei...

POLIDORO

Já perto
Chega...

MÉROPE

Meu filho, filho meu!

EGITO

Sossega:
Não temas.

MÉROPE

Não temer!

POLIDORO

Finge, modera...

Talvez... – Não é já tempo: desgraçada!

CENA V

MÉROPE, EGITO, POLIDORA, POLIFONTE, etc.

POLIFONTE

Estás vingada enfim, satisfizeste

No sangue do malvado os teus furores?

– Quê? vivo ainda o vejo! – e nele os olhos

Sem rancor me parece que já fitas.

Mudaste de tenção – ou meus soldados

Não foram diligentes em servir-te,

Em cumprir teus decretos? – Oh, lá prestes

Executai as ordens da rainha.

Segurai-o.

MÉROPE

Eu... enganei-me com seu crime;

Iludi-me, pensei... Mas ele...

POLIFONTE

Morra:

Tua muita piedade é que te ilude.

MÉROPE

Suspendei... Não sei, sei que não tem culpa.

POLIFONTE

(aparte) (alto)

Já conheço o mistério. – De teu filho

O matador cruel... é inocente?

MÉROPE

Não. – Meu filho não era... o morto.

POLIFONTE

Como!

O cinto, os sinais todos, e esse velho
Que a mensagem fatal veio trazer-te,
Tuas lágrimas... foi tudo fingimento?
Feri.

MÉROPE

Senhor!... meu filho... vive ainda.
Este...

POLIFONTE

É nova traição, é novo engano:
Morra.

MÉROPE

Oh que aperturas, que agonia!
Senhor, piedade...

POLIFONTE

Para quem piedade?
Um malfeitor, um pérfido assassino!
Pela vez derradeira vo-lo ordeno,
Soldados!

POLIDORO

Grande deus!

POLIFONTE

Feri.

MÉROPE
Suspende.

POLIFONTE
Não.

MÉROPE
Compaixão... Senhor!

POLIFONTE
Em vão suplicas.

MÉROPE
Ele é...

POLIFONTE
Feri.

MÉROPE
Malvado! ele é meu filho.
(Suspensão geral)

POLIFONTE
Teu filho! – É vão fingir: já te não creio.
Morrerá, e...

EGITO
Seu filho eu sou, tirano:
No furor que me anima o reconheço.
Solta-me os ferros, e verás.

POLIFONTE
Insano,
Que ousaste proferir! – Não vês, não temes
Que...

EGITO

Desprezo-te: não temo.

MÉROPE

Oh tem piedade,

Desculpa-lhe, Senhor...

EGITO

Não me desculpes

Eu não quero a piedade de um tirano.

POLIFONTE

Não a terás. – Feri.

MÉROPE (*abraçando-se com Egito*)

Primeiro os ferros

Haveis de atravessar por este peito.

O coração da mãe rasgai primeiro

Para chegar ao coração do filho.

Bárbaros, que vos fez este inocente?

E tu, cruel, que não fartaste ainda

De nosso sangue a insaciável sede,

Satisfaze-te em mim, em mim te vingas.

– Mas vingar-te de quê?... Senhor, perdoa:

(*ajoelha a Polifonte*)

Vês a teus pés prostrada uma rainha:

Minhas lágrimas súplicas atende,

Escuta estes soluços lastimados,

Ouve os meus rogos; movam-te a piedade

De tia mísera mãe as desventuras:

Oh leva tudo o mais, deixa-me o filho,

Deixa-me o filho, deixa-me e eu te juro

Que, sem mais pretender ao sólio avito.

Iremos ambos longe de Messênia

Ignorados viver: iremos ambos

Ainda abençoar tua demência.

Vive seguro tu sobre o teu trono,
Vive e reina.

EGITO

Levanta-te, rainha.
Tu prostrada a seus pés! Com essa infâmia
Queres comprar a vida de teu filho!
Oh minha mãe!

POLIFONTE

Pois bem, se ele é teu filho,
Em tuas mãos está salvá-lo ainda.
Se o não é, se fingidos são teus prantos,
Já por tuas ações vou conhecê-lo. Adrasto!
(Adianta-se um da comitiva a quem fala em segredo; depois dirigindo-se aos guardas).
Vós levai-o em segurança.

MÉROPE

Bárbaro, e desta sorte é que?...

POLIFONTE

Sossega.
A minha fé te dou que está segura
A sua vida, e de ti só pende agora.

MÉROPE

Mas como?

POLIFONTE

Sabê-lo-ás em breve tempo.

CENA VI

MÉROPE, EGITO, POLIDORO, soldados.

MÉROPE

Justos deuses, que intenta este malvado?

Que será? – Oh meu filho!

EGITO

Oh mãe!

MÉROPE

Oh filho!

EGITO

Consola-te.

MÉROPE

Eu! eu consolar-me, filho,

Sem ti!

EGITO

Adeus!

MÉROPE

Adeus filho!... meu filho!

ATO QUINTO

CENA I

POLIDORO, SACERDOTE, sacrificadores, etc.

(Polidoro está ajoelhado e suplicaste junto ao túmulo. O Sacerdote sai, acompanhado dos sacrificadores, pela porta principal do templo: pára no peristilo, e parece meditar profundamente, Polidoro, vendo-o, ergue-se e vai para ele. Ambos se adiantam para o proscênio tristes e silenciosos).

POLIDORO

Aqui neste lugar, aqui à face

Daquela monumento!

SACERDOTE

Aqui.

POLIDORO

Sem pejo

Dos homens, sem temor dos deuses, há de
Consumar-se o espantoso sacrifício!

E tu há de erguer ao Céu as mãos piedosas
Para o abençoar?

SACERDOTE

Hei de

POLIDORO

E não temes

Que surja dessa campa a formidável.

A despeitada sombra de Cresfontes,

Que a ti, ao filho, à esposa, que a nós todos
De horríveis maldições cubra e fulmine?

SACERDOTE

Não.

POLIDORO

Que dizes!

SACERDOTE

Que o filho de Cresfontes

É preciso salvar, que há de ser salvo,

E que é pequeno todo o sacrifício,

Que por tal se fizer.

POLIDORO

Supremos deuses!

Tu que o conheces, ousas confiar-te

Nas dolorosas promessas do tirano!
Crés que naquela mão torpe de sangue
Gabe a mão virtuosa da rainha,
Que há de impedi-lo que não trave logo
Do punhal traiçoeiro e despiado
Para matar o filho? – Pura, e honrada
Do respeito dos povos, não a acata;
Pensas que há de temê-la ou respeitá-la
Quando, cheia de opróbrio e vilipêndio,
A indigna viúva de Cresfontes
Se prostituir de seu algoz no leito?
– Coa ignomínia da mãe promete agora
Remir a vida do inocente filho.
Porquê? Porque inda teme que esse povo.
Cansado de o sofrer, erga o terrível,
O formidável brado de cem vozes,
Que sempre anda no ouvido dos tiranos,
Inda nas horas de mais paz. – o grito
Que se ergue de repente e soa ao longe.
E faz tremer o justo, o rei piedoso.
O que fará o déspota! – Não ousa,
Na presença do povo de Messênia,
Matar o filho de seus reis não pode.
Mas o enteado vil de Polifonte,
A esse há de impunemente assassiná-lo.
Sabe que pode, e há de fazê-lo,

SACERDOTE

É Certo.

POLIDORO

É certo! E então?...

SACERDOTE

E então, como estas minhas,
Não te dizem as raras cãs da fronte

Que a prudência e o conselho sossegado.
São o valor dos velhos, Polidoro?
Que queres, co esse fogo de mancebo
No cérebro, – e o gelo da velhice
Nas mãos caducas, fazer tu agora?

POLIDORO

Quero cair na cova sem opróbrio.
A vida sim, a honra não caduca.
Os teus conselhos de prudência, guarda-os
Para ti, Bom conselho deste a Mérope;
Que tu só a aceitar a resolveste
O infame consórcio do tirano!
Pasma...

SACERDOTE

Não pasmes já, que não é tempo
Ainda. Vês aqueles que acompanham
Armados a rainha?

POLIDORO

São soldados
De Polifonte que, em fingida pompa
De cortejo, arrastada vêm trazendo
A vítima infeliz ao sacrifício.

SACERDOTE

Mas vêm armados?

POLIDORO

Certo, vêm.

SACERDOTE

E sabes
Se aquelas armas não vêm prontas hoje
A erguer-se contra quem as pôs na destra

Dos que supôs escravos, e são homens?
Que ordenou e regrou essas falanges
De tantos mil para uma só vontade,
Sem se lembrar que outra vontade pode
Mudar-lhe a direção...

POLIDORO

Pois tu!... Perdoa.
Ao meu zelo indiscreto – E sabe Mérope.
Sabe o príncipe acaso que?...

SACERDOTE

Não sabem.
Não o hão de saber senão no instante
Em que estostrar o brado da vingança.
Que eu tanto concentro neste peito.
Silêncio chega Mérope uru só gesto
Podo perder-nos.

CENA II

MÉROPE, SACERDOTE, POLIDORO, séquito, soldados, etc.

MÉROPE

Eis-me resignada;
Cumpra-se em ruim segundo for vontade
Dos soberanos deuses. – Sacerdote,
A vitima aqui está, – e adornada
(Dá com os olhos no túmulo, e volta-se para o outro lado)
Destas galas fatais... Oh encobri-me.
Escondi-me esse mármore implacável
Em que a minha vergonha se reflete.
Ai! prometi – para salvar o filho,
Prometi – consenti nesta vileza,
No infame sacrifício: mas já sinto.
Sinto de todo que me falta o ânimo;

Não posso...

SACERDOTE

Poderás, que a derradeira
Esperança da pátria é era ti agora,
E em teu ânimo, o ânimo do povo.
Tem valor, ó rainha, e salva o filho;
Salva o teu filho, deixa o resto aos deuses.

MÉROPE

E ele onde está? Meu filho! quero vê-lo.

CENA III

POLIFONTE, MÉROPE, SACERDOTE, POLIDORO, EGITO, etc.

POLIFONTE

Aqui o tens, ó Mérope, o teu filho.
E aqui, ó povos de Messênia, vede
Que entrego à viúva de Cresfontes,
Com este dote, a minha mão – e a parte
Do meu império a chamo. Assim confundo
Os inimigos de meu trono, e apago
Os sanguentos vestígios das passadas
Dissensões, o pretexto derradeiro
De futuras discórdias. Eia, o fogo
No altar acendei, e o sacrifício
Celebrai de concórdia e paz.

*(O Sacerdote sobe ao peristilio; diante dele colocam no altar Mérope a um lado.
Polifonte ao outro, Egito ao pé dele).*

SACERDOTE

Ouvi-me,
Supremos deuses; e nesta hora grande
E tremenda, aceitai o juramento
Que ante vossos altares venerandos,

E invocando o terrível testemunho
De vossa fé, o povo de Messênia
Aqui jaz. Ser fiéis juramos todos
Ao nosso rei,

POVO
Juramos!

SACERDOTE
E o castigo
Do parricida, do perjuro caia
Sobre quem não guardar seu juramento.

POLIFONTE
Assim seja. – A tua mão, rainha, e firmem
Esta aliança as bênçãos...

EGITO *(tomando de repente o cutelo que esta sobre o altar, e colocando-se entre Mérope e Polifonte)*
Não tem bênçãos
O altar para o perjuro, o parricida.

POLIFONTE
A mim, soldados, eia!

EGITO
A mim, soldados
Que sou o vosso rei, e vos liberto,
E vos vingo... – e no sangue do tirano
(Fere a Polifonte, que logo cai)
Lavo a afronta da pátria, a minha e a vossa.

SACERDOTE
É o vosso rei, saudai-o!

MÉROPE

Defendei-o:

É o meu filho, o filho de Cresfontes;

TODOS

Salve!

MÉROPE

Meu filho!

EGITO

Minha mãe!

POLIDORO

Oh dia

De triunfo! A teus pós, Senhor, agora

Posso morrer em paz e satisfeito,

Porque viram meus olhos esta glória,

EGITO

Vem a meus braços, pai; vem, tu que foste

Meu guia, meu amparo na desgraça

Não me abandones; em maior perigo

Estou agora: sou feliz – e reino.

Vem recordar-me – e vós lembrai-mo todos

A todo o instante – que subi ao trono

Precipitando dele a tirania.

Maior obrigação, dobrado encargo

Tenho de ser bom rei, maior castigo

Mereço, e mais atroz, se for tirano.